

Dinheiro: O quanto de fato precisamos para viver?

Money: How much money do we really need to live?

Alex Baroni¹

Esta resenha analisou a obra intitulada “Dinheiro Feliz — A arte japonesa de fazer as pazes com o seu dinheiro”, de Ken Honda (2022). Este aprofunda a reflexão sobre como se dá o relacionamento do homem com as finanças e de que forma pode ser possível aprimorar tal aspecto em prol de um melhor desenvolvimento pessoal e profissional. Um livro importante na atualidade, uma vez que muitos estão adoecendo e até morrendo na busca incansável por mais posses.

Ken Honda tem 58 anos de idade e mais de 50 livros publicados. Só no Japão, vendeu quase 8 milhões de exemplares de suas obras. Quando ainda era jovem, Honda perseverou para que quando completasse 30 anos de idade já estivesse pleno em relação ao sucesso de seu trabalho e financeiramente estável. Ele alcançou seu objetivo aos 29 anos, quando decidiu que passaria a ajudar outras pessoas a também conseguirem essa conquista.

O livro está dividido em introdução e cinco capítulos. A introdução versa sobre o dualismo do que ele chamou de dinheiro feliz e infeliz. Assim, buscou exemplificar o relacionamento que estabelecemos com ele em nosso dia a dia. O primeiro capítulo busca traduzir o significado do dinheiro e o medo associado à sua perda em um mundo onde este é fundamental. Já o capítulo seguinte aborda os erros que são cometidos, com o objetivo de alertar o leitor a respeito do que Honda acredita ser o meio correto de se relacionar com ele. O terceiro capítulo trata de questões associadas à forma como os nossos pais têm influência na formação financeira. Enquanto o penúltimo capítulo destaca como adotar uma postura pessoal e profissional para aumentar as chances de ganhar mais dinheiro. Por fim, o último capítulo reforça que o dinheiro é essencial para a sobrevivência humana. No entanto, é preciso entender que nunca se terá o bastante. Por isso, é importante estabelecer parâmetros balizadores que permitam as pessoas a terem ciência de que estão tendo êxito em sua jornada pessoal e profissional.

DESENVOLVIMENTO

Na introdução, Honda reflete sobre o que vem a ser dinheiro feliz e infeliz. Segundo ele, dinheiro feliz é aquele utilizado, por exemplo, para ajudar outras pessoas, para desenvolver uma empresa e até receber de clientes por um bom serviço prestado. Por outro lado, temos aquele

¹ Fundação Getúlio Vargas – FGV. Professor de Design Thinking para a Inovação Pública. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1700-760X>. E-mail: baroni.alex@gmail.com

recebido através do trabalho em um emprego do qual não se gosta, do pagamento de má vontade do cartão de crédito, ou até de roubo.

Mas ele vai além, pois a partir da relação ruim com o dinheiro, as pessoas também se tornam infelizes. Como consequência, buscam tirar proveito daqueles que, em alguma medida, podem lhe ser úteis nesta empreitada. Para tanto, passam a tratar mal empregados, motoristas, garçons, entre outros. Enquanto sob a ótica inversa, há aqueles que são felizes com seu trabalho e relacionamento com a família, com isso respeitam e são respeitados pelos funcionários e clientes.

Concluída a introdução, segue-se para o primeiro capítulo do livro. Nele, o autor compara a relação com o dinheiro ao famoso jogo de tabuleiro — Banco Imobiliário. Durante o jogo, a nossa energia sobre aquelas notas de papel é a mesma que levamos para o dinheiro real, ou seja, sentimos a mesma gana de vencer. Vencer nesse jogo, assim como na vida, significa “[...] ganhar mais dinheiro, possuir propriedades valiosas, não pagar muito imposto de renda e não ir para a cadeia” (HONDA, 2022, p. 25). Mas as pessoas esquecem que, ao contrário do Banco Imobiliário, na vida real existem muitas incertezas. No jogo, investe-se em papéis e compras, as quais de antemão já se sabe o quanto renderão. Perspectiva bem diferente daquilo vivenciado no verdadeiro dia a dia.

Como se não bastassem as incertezas da vida, muitos ainda sentem o impulso de consumir mais. Seja para comprar o terno da moda ou aquele eletrônico que acabou de ser lançado. Inclusive, foi criado um acrônimo para definir essa sensação — FOMO — *fear of missing out* (medo de ficar de fora). E como os recursos são finitos, a sensação de escassez pode aumentar mais ainda o consumo: “[...] mesmo quando conseguimos o que queremos nunca é o bastante” (HONDA, 2022, p. 34).

No entanto, o autor esclarece que não somente aqueles com poucas condições financeiras se preocupam com o dinheiro; os mais abastados também se afligem com o futuro. Em razão de todas as pessoas serem afetadas pelo dinheiro, é importante estabelecer uma forma sadia para lidar com ele.

Para aqueles que acreditam que o dinheiro pode trazer felicidade, Honda pontua que ele até ajuda, mas há um determinado limite. A partir de um grande número de entrevistados, o autor identificou que, para as pessoas que recebem mais de 75 mil dólares por ano, ter mais dinheiro não significa ser mais feliz. Portanto, em sua perspectiva, a boa relação com o dinheiro advém de trabalhar naquilo que se gosta e ganhar o suficiente para sobreviver.

Já no segundo capítulo, cujo título é “QI financeiro e QE financeiro”, o autor explica que a relação saudável com o dinheiro deveria vir de dois conhecimentos. O primeiro é aquele associado ao aspecto monetário, sob o olhar da matemática (QI – quociente de inteligência financeiro). O segundo chamou de quociente emocional financeiro (QE), ou seja, “[...] é a inteligência emocional necessária para lidar com suas reações diante do dinheiro” (HONDA, 2022, p. 58).

Parte da inteligência emocional que favorece essa relação vem de viver o presente de forma plena. Portanto, é preciso evitar preocupar-se em demasia com o futuro, assim como deixar para trás fatos que já ocorreram, pois não é mais possível mudá-los. Esse processo coopera para se livrar da ansiedade. Ademais, cita que existem outros bloqueios que podem impedir o indivíduo de alcançar a felicidade, como a dúvida, culpa e a autonegligência.

Dessa forma, segundo o autor, para ter uma liberdade financeira existem dois caminhos. O primeiro é mudar o seu estilo de vida e morar no campo, cultivando seu próprio alimento e reduzindo suas despesas. Opção essa que é praticada por alguns de seus amigos. Todavia, se essa não é a sua escolha, é preciso desenvolver um fluxo financeiro. Assim, ele demonstra a importância de trabalhar com o quociente emocional financeiro, pois desta maneira será possível tomar decisões mais sensatas.

Entretanto, o caminho para essa liberdade financeira não pode passar por privações e avareza. Poupar só pensando em situações hipotéticas vai fazer com que exista preocupação e então haverá mais problemas. Isso decorre por que os medos não estão ligados ao dinheiro, mas ao futuro e às mudanças que ele pode trazer. Como saída, é preciso perceber que essa relação ruim com as finanças tem impacto direto na vida, tornando-a desagradável.

Além disso, o desejo desenfreado por querer sempre mais dinheiro pode fazer mal. Por isso, é importante reconhecer o montante que seja suficiente. Falando de salário, se a pessoa acredita que 5 mil reais por mês é insuficiente, mas também já sofreu muito para conseguir chegar a 10 mil, então é necessário encontrar o meio termo no qual a saúde financeira e psicológica sejam preservadas. Até porque ganhar mais não significa que ao final do mês vá sobrar mais dinheiro, pois quanto mais se ganha, mais se gasta, já que os “[...] brinquedos só ficam cada vez mais caros” (HONDA, 2022, p. 91).

O capítulo três aborda questões que analisam como o dinheiro mostra-se tão presente no cotidiano, a ponto de definir os valores morais da sociedade. Assim, pessoas passam outros para trás e até cometem crimes em função disso. Entretanto, segundo o autor, a relação do homem com o dinheiro deveria ser mais sadia. Devíamos, inclusive, desacreditar de sua escassez, pois desde tenra idade somos levados a pensar que não temos o suficiente. Todavia, não existe uma relação direta entre ter mais dinheiro e mais amor.

Ademais, como resultado dessa relação tóxica entre sociedade e capital, muitos carregam estigmas ao longo de sua vida. Adultos que hoje têm uma boa condição financeira, mas que quando crianças passaram por dificuldades, apresentam uma relação instável com o dinheiro. Sentem-se em uma posição vulnerável, acreditando que a qualquer momento seu dinheiro pode esvair-se de seus bolsos e investimentos. Portanto, esse comportamento reforça a noção de que a forma como se lida com o dinheiro no presente encontra seus pilares no seio do passado das famílias.

Além do mais, existe um sofrimento velado em grande parte das pessoas que está associado ao seu trabalho. Como consequência, a relação delas com o dinheiro é envolvida de sofrimento. E até para gastá-lo, é empregado um esforço tamanho, visto que ele pode ter sido recebido através de uma atividade laboral não prazerosa.

O penúltimo capítulo chama-se “O fluxo do dinheiro”. Nele o autor relaciona o fluxo do dinheiro com alguns aspectos psicológicos. Segundo ele, é importante a forma como as pessoas se sentem ao gastá-lo. Desta maneira, é preciso demonstrar gratidão quando se recebe dinheiro. Para isso ser possível, é necessário que elas desempenhem suas atividades profissionais com prazer, ou seja, sem ansiar pelo horário do término do expediente. Amar sua atividade laboral trará mais reconhecimento profissional e conseqüentemente mais dinheiro, e assim sucessivamente.

Essa postura deve ser adotada não somente com o dinheiro que auferimos, mas também com aquele que se despende. Portanto, seja doando para uma instituição de caridade, quando realmente se pode sentir que o dinheiro fez diferença, ou mesmo ao comprar um sapato novo, é importante estabelecer um sentimento positivo neste ato. Inclusive o sapato recém-adquirido é algo que certamente trouxe prazer durante a sua compra. Procure também estabelecer relações profissionais de troca. Desta forma, por estar contratado em uma empresa, agradeça ao seu chefe imediato. Agradeça a todos que lhe fizeram algo de bom.

Ademais, a obra reforça a ideia de que para ganhar mais dinheiro, também é preciso encontrar-se fisicamente onde ele está. É bem verdade que a internet encurtou distâncias, porém ainda é mais fácil alcançar grandes fluxos de capital se a pessoa morar em uma metrópole; e um dos grandes desafios para tornar mais abundante esse fluxo financeiro é ter como trabalho algo que, enquanto se faz, parece uma grande brincadeira.

O capítulo 5 é o último apresentado no livro e intitula-se “O futuro do dinheiro”. Nele, o autor compara o dinheiro do futuro com o sal de cozinha, pois o sal um dia foi essencial para a sobrevivência dos nossos antepassados longínquos. Assim, através dele, foi possível preservar os alimentos. Em razão disso, tinha grande valor. Entretanto, na atualidade pode ser facilmente comprado e não dependemos mais exclusivamente dele para conservar alimentos. Situação semelhante é a do petróleo. Hoje ele é essencial para a vida cotidiana, para produzir os combustíveis fósseis, por exemplo. Por outro lado, com a presença massiva de fontes de energia alternativas, o petróleo um dia terá destino semelhante ao do sal. O mesmo, acredita o autor, acontecerá com o dinheiro. Ele argumenta que não vamos viver em um mundo onde não haverá dinheiro, mas que poderemos viver livres do medo que um dia ele falte, pois não estará mais associado à liberdade.

Destaca, inclusive, a importância de deixar os filhos ainda pequenos cientes de como funciona o trabalho até a sua remuneração. Isso tende a facilitar a forma como eles lidarão com as

finanças ao crescerem e o quanto antes esse passo for dado, melhor será para o seu desenvolvimento.

Seja no passado ou no futuro, muito provavelmente nunca acharemos que temos dinheiro o suficiente. Além de tudo, muitos ficam comparando sua condição com a dos outros. Porém, Honda diz que esse não é o caminho correto. O mais sábio, que tende a trazer felicidade, é analisar a sua condição do passado versus a atual. O autor perguntou a pessoas que possuem boa condição financeira quando perceberam que estavam ricos, e elas não conseguiram reconhecer a sua riqueza. Sempre comparavam suas posses a de outros mais ricos. Isso mostra um ciclo infinito, pois para além das figuras reconhecidas como as mais ricas do mundo, sempre haverá alguém em situação financeira melhor. Assim, seria mais sadio comparar seu passado com o presente, pois essa comparação tende a proporcionar mais consciência, conforto e felicidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dessa resenha, objetivou-se discutir, de forma ampla, os principais pontos elencados no livro de Ken Honda.

A filosofia de Honda discorre sobre a necessidade de ser grato pelo dinheiro. Portanto, as pessoas devem agradecer não apenas pelo que recebem, mas até mesmo pelo que gastam, como com uma doação para necessitados. Assim, esses aspectos ajudam a cultivar uma mentalidade positiva sobre o dinheiro.

Em um mundo onde crimes são cometidos, em que uns estão adoecendo, e pessoas literalmente morrendo e sendo mortas por dinheiro, a discussão desse tema parece mostrar-se muito pertinente e atual. Desta maneira, a obra do autor busca passar a mensagem de que o mais importante é que as pessoas se sintam felizes e satisfeitas, mesmo não sendo milionárias. Para tanto, devem procurar sempre ter como parâmetro de comparação o hoje e o ontem. É preciso ser capaz de olhar para si mesmo e enxergar que evoluiu ao longo dos anos. O importante é buscar ser feliz com o que se tem, pois a felicidade é uma medida daquilo que basta para se viver, e não necessariamente ser milionário.

REFERÊNCIA

HONDA, Ken. **Dinheiro Feliz - A arte japonesa de fazer as pazes com o seu dinheiro**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2022.